

Tertúlia Literária Dialógica: compartilhando histórias

Ramón Flecha *

Roseli Rodrigues de Mello **

A Tertúlia Literária Dialógica é uma atividade cultural e educativa desenvolvida em torno da leitura de livros da Literatura Clássica Universal. Destinada a pessoas sem formação universitária, foi criada há vinte e cinco anos, na Escola de Educação de Pessoas Adultas da Verneda de Sant-Martí, em Barcelona/Espanha, por educadoras e educadores progressistas, em conjunto com participantes da escola, homens e mulheres que estavam iniciando ou retomando sua escolaridade.

Atualmente, vem sendo realizada em centros culturais e comunitários, associações populares e em diversas organizações educacionais, em diferentes países, sob difusão e apoio da Confederação de Federações e Associações de Participantes em Educação e Cultura Democrática de Pessoas Adultas (CONFAPEA), da Espanha, através do projeto *“Mil y Una Tertúlias Literárias Dialógicas por Todo el Mundo”*.

Criada com pessoas originárias de grupos que sofrem exclusão e preconceitos de diferentes ordens, mantém sua vocação e compromisso: é uma atividade gratuita, aberta às pessoas de diferentes coletivos sociais e culturais, incluindo pessoas recém alfabetizadas. É espaço de diálogo igualitário e de transformação (pessoal e do entorno social mais próximo). Sua metodologia baseia-se na aprendizagem dialógica, forma de aprendizagem como a que desenvolveu Paulo Freire em sua vida e obra pelo mundo e com as pessoas. Com base em teorias progressistas e desenvolvendo práticas comprometidas com a transformação social, educadoras e educadores e participantes de Tertúlias vêm cons-

truindo espaços democráticos de vida e de aprendizagem em muitos lugares.

No Brasil, as Tertúlias Literárias Dialógicas estão sendo difundidas e apoiadas pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), desde 2002 - o que será relatado após o aprofundamento do contexto onde a atividade foi gerada e os princípios que lhe dão base.

Contexto e Bases das Tertúlias Literárias Dialógicas

Os anos 1970 foram marcados por ditaduras em muitos países e, ao mesmo tempo, por movimentos progressistas que lhes fizeram frente, buscando a democratização da sociedade¹.

Na Espanha, a ditadura terminou em 1975, tendo início a fase de transição democrática, que foi até 1980. Neste período, a educação de pessoas adultas passou por uma grande mudança, saindo do modelo compensatório, imposto pelo regime ditatorial, passando a outro mais democrático e alternativo (Lleras & Soler, 2003). Foi também neste período que foi criada a Escola da Verneda de Sant-Martí, localizada num bairro de trabalhadores de Barcelona, Espanha. Pessoas do bairro invadiram um antigo prédio e ali fundaram a escola que, com educadoras e educadores progressistas, constitui-se num espaço de democracia deliberativa (Sanchez Aroca, 1999).

Em 1980, um grupo crítico de educadores e educadoras de pessoas adultas e de participantes da Ver-

* Professor na Universidade de Barcelona e diretor do Centro de Investigação CREA, da mesmaniversidade. Seu trabalho centra-se na análise das desigualdades sociais e de como superá-las. Entre suas últimas publicações, encontramos “Conocimiento e identidad”, em co-autoria com Alain Touraine e Michel Wieviorka. ramon.flecha@ub.ed

** Professora na Universidade Federal de São Carlos. Realizou pós-doutorado no CREA, Universidade de Barcelona – Espanha. Coordena o Núcleo de Investigação e Ação Social (NIASE) da UFSCar e projetos por ele desenvolvidos, como: “A Aprendizagem Dialógica na Educação de Pessoas Jovens e Adultas”, “Tertúlias Literárias Dialógicas” e “Comunidades de Aprendizagem”. roseli@power.ufscar.br

¹ Foi no princípio de tal década que Paulo Freire publicou o “Pedagogia do Oprimido”, que se constituiu num marco teórico-metodológico para os movimentos de transformação social, pondo-se à frente, inclusive, de teóricos da sociologia que, anos mais tarde, também trariam contribuições a respeito da vertente dialógica para a radicalização da democracia (Habermas, por exemplo). Naquele momento, Freire e sua obra estavam impedidos de entrar no Brasil. Foi apenas em 1975, depois de já estar publicado em vários idiomas e países, que o “Pedagogia do Oprimido” teve sua primeira impressão no país. No mesmo período, o autor e o texto também estavam impedidos de entrar na Espanha e em Portugal (Freire, 1992). Embora houvesse tal interdição, tanto num país, como nos outros, os escritos de Freire chegaram às mãos de educadoras e educadores progressistas e fizeram diferença.

neda Sant-Martí criou a tertúlia literária, inspirada nas iniciativas educativas libertárias que cresciam rapidamente na Espanha. Na segunda metade dos anos 1990, quando o movimento de participantes de educação de pessoas adultas começou a se fazer ouvir nos espaços de decisão, evidenciando a mudança dialógica pela qual passava a sociedade, outras tantas escolas e instituições reivindicaram as tertúlias como parte de sua formação, tendo em vista seu princípio dialógico e transformador. Foi então que a atividade passou a ser denominada Tertúlia Literária Dialógica e ganhou grande difusão por parte dos/das participantes que dela integravam (FACEPA, 1998).

Por toda a Espanha e, mais tarde, por outros países, pessoas que estavam aprendendo a ler e a escrever, ou que se firmavam neste processo, aceitaram o desafio de quebrar um muro cultural, colocado pelo discurso dominante a respeito de que a literatura Universal só pode ser lida e entendida por quem teve longa formação acadêmica. Juntas e juntos passaram a se encontrar semanalmente com autores e autoras como Kafka, Proust, Machado, Youcernart, etc.

Quanto às bases teórico-metodológicas da atividade, a *aprendizagem dialógica* as sintetiza. Tal conceito foi elaborado, principalmente, com base nas contribuições de Paulo Freire para a Educação, e de Habermas para a Sociologia. Implica sete princípios que são indissociáveis (Flecha, 1997):

1. Diálogo igualitário: em uma Tertúlia são respeitadas todas as falas igualmente; nenhuma pessoa pode impor a sua idéia às demais. O pressuposto é de que o encontro se dá entre sujeitos capazes de linguagem e ação. Assim, as diferentes manifestações são consideradas em função da validade dos argumentos e não da posição de poder de uns sobre outros;

2. Inteligência cultural: ao longo de nossa vida, aprendemos muitas coisas e de maneiras muito diversas. Assim, todas as pessoas têm as mesmas capacidades para participar num diálogo igualitário. Esta inteligência se desenvolve segundo os contextos de inserção das pessoas, permitindo, portanto, reformulações constantes a partir das novas inserções e interações;

3. Transformação: a aprendizagem através do diálogo permite viver transformações pessoais quanto à auto-imagem e quanto à maneira de se pôr no mundo, produzindo transformações nas relações estabelecidas no entorno imediato e podendo chegar a implicações mais amplas;

4. Aprendizagem instrumental: o acesso a um conhecimento sistematizado em conteúdos e habilidades acadêmicos não é desprezado; "o dialógico não se opõe ao instrumental, mas sim à colonização tecnocrática da aprendizagem" (p. 33);

5. Criação de sentido: a aprendizagem dialógica está baseada na construção de significados pelas pessoas em interações com seus iguais: educadores/as, familiares, participantes, vizinhos, etc. É a possibilidade de sonhar e agir, dando sentido à própria existência;

6. Solidariedade: encontra-se na gratuidade da atividade e no apoio a pessoas que têm vergonha de expor suas idéias. Destas relações de respeito, vão nascendo ações de solidariedade nos encontros e na comunidade mais ampla;

7. Igualdade de diferenças: "o mesmo direito de cada pessoa de viver de forma diferente" (p. 42). As pessoas têm garantido o igual direito a expor suas idéias e argumentar, não se pretendendo uma homogeneização de opiniões e pontos de vista, mas o conhecimento de diferentes perspectivas e a potencialização de processos reflexivos.

A partir de tais princípios, educadoras e educadores e participantes foram, na escola de La Verneda de Sant-Martí, desenvolvendo e aperfeiçoando a dinâmica da atividade: "A tertúlia literária se reúne em sessão semanal de duas horas. Decide-se conjuntamente o livro e a parte a comentar em cada próxima reunião. Todas as pessoas lêem, refletem e conversam com familiares e amigos durante a semana. Cada uma traz um fragmento eleito para ler em voz alta e explicar por que lhe há resultado especialmente significativo. O diálogo se vai construindo a partir dessas contribuições. Os debates entre diferentes opiniões se resolvem apenas através de argumentos. Se todo o grupo chega a um acordo, ele se estabelece como a interpretação provisoriamente verdadeira. Caso não se chegue a um consenso, cada pessoa ou subgrupo mantém sua própria postura; não há ninguém que, por sua posição de poder, explique a concepção certa e a errônea" (Flecha, 1997: 17-18).

Quanto ao papel da pessoa condutora da atividade, ela é uma a mais no grupo, não tendo lugar de privilégio. Porém, como educadora progressista, tem o papel de mediar os encontros garantindo os princípios da aprendizagem dialógica e a estabilidade da atividade. Os elementos de estabilidade são assim resumidos pela atual condutora da Tertúlia Literária Dialógica mais antiga da escola da Verneda de Sant-Martí: "Que seja sempre no mesmo horário, tenha a mesma duração e seja no mesmo espaço físico, pois que se garantam, assim, condições de continuidade e estabilidade da atividade" (Mello, 2002).

As Tertúlias Literárias Dialógicas no Brasil

Desde outubro de 2002, a Tertúlia Literária Dialógica se efetivou no Brasil, na cidade de São Car-

los. A atividade foi conhecida, vivenciada e pesquisada por membros do NIASE, nos anos de 2001 e 2002, na escola da Verneda de Sant-Martí (Mello, 2002). O primeiro lugar onde a atividade foi estabelecida foi a Universidade da Terceira Idade (UATI), com homens e mulheres de diferentes idades, ascendências, grupos sociais e graus de escolaridade que se juntaram ao movimento internacional em dois grupos de Tertúlia Literária Dialógica (ver: Mello, 2003 e Mello et al., 2004).

Primeiro, nasceu a turma da manhã, em outubro de 2002. Neste tempo, foram lidos: "Memórias de Adriano", de Margaret Youcenar; "Os Sertões", de Euclides da Cunha e "A Divina Comédia" de Dante Alighieri. Depois, em abril de 2003, teve início uma segunda turma, no período da tarde, onde foram lidos: "Madame Bovary", de Gustave Flaubert, "A Metamorfose", de Franz Kafka, e "No caminho de Swann", de Marcel Proust. Desde então, a divulgação das Tertúlias em outras instituições tem sido sempre feita em conjunto, entre participantes da UATI e membros do NIASE.

Por intermédio de uma participante da tertúlia da UATI, foi criada a terceira Tertúlia Literária Dialógica no Brasil numa biblioteca de escola estadual de Ensino Médio. De dezembro de 2003 a março de 2004, meninas e meninos decidiram, por consenso, que o primeiro livro a ler seria "A revolução dos bichos", de George Orwell.

Uma quarta Tertúlia foi também iniciada com a ajuda dos participantes da UATI, no final de 2003, com participantes do Curso Pré-Vestibular do Núcleo UFS-Car-Escola. A Tertúlia do Cursinho, que contou com quinze participantes, durou de novembro de 2003 a março de 2004. O livro escolhido para ler foi "Primeiras Estórias", de Guimarães Rosa.

Em junho de 2004, nasceu mais um grupo de Tertúlia Literária Dialógica junto a uma turma de Educação de Jovens e Adultos na cidade de São Carlos. Homens e mulheres que realizam o equivalente às séries iniciais do ensino fundamental, começaram a se reunir e estão lendo o livro por elas e eles escolhido: "Dom Quixote de La Mancha", de Miguel de Cervantes. Encantam-se com as aventuras de Dom Quixote, ao mesmo tempo em que resgatam suas experiências de vida no campo e na cidade; viajam de contextos conhecidos a contextos desconhecidos em conversas com grande profundidade. A leitura titubeante dá lugar à confiança que vai crescendo.

Funcionando na biblioteca de uma escola municipal, esta tertúlia começou a ser acompanhada à distância por algumas crianças da escola que, a cada dia, chegavam mais perto do grupo, pedindo, finalmente, para dela participarem. Depois de analisar a situação, participantes e condutora decidiram que seria melhor criar uma Tertúlia específica para as crianças, pois algumas pessoas do grupo se sentiriam constrangidas frente às crianças. Depois de muito diálogo, as crianças con-

cordaram em estar numa outra tertúlia, mas colocaram duas condições: 1) que também pudessem ler literatura clássica e 2) que, esporadicamente, pudessem participar de eventos com as tertúlias de pessoas adultas. Ambas condições foram consideradas justas: escolheram "Os Miseráveis", como primeira leitura, e já participaram da comemoração do segundo aniversário da primeira tertúlia do Brasil, numa tertúlia de poesias. Vê-se, no Brasil, ocorrendo o que também já teve início na Espanha: a pedido de adolescentes e de crianças, a Tertúlia Literária Dialógica, como atividade de aprendizagem dialógica, está sendo estendida também a elas e eles (Loza, 2004).

Alguns depoimentos a seguir ilustram a visão de participantes das Tertúlias Literárias Dialógicas realizadas no Brasil sobre a atividade e sobre temas discutidos. Sobre a atividade, destacam-se:

A riqueza da literatura é a imaginação.

Aqui não é preciso chegar a um consenso nas interpretações que se fazem sobre a leitura.

Se não fosse a Tertúlia, eu nunca leria um livro como este (relato de uma participante da Tertúlia quando fala sobre o livro "Os Sertões").

Perceber que as pessoas respeitam as diferenças diminui meu medo de falar sobre o livro.

Sobre as reflexões possibilitadas pela atividade, destacam-se:

O autor considera que os fatos não influem sobre as crenças. Mas existem fatos que são possibilidades de mudança de crenças, e isto é aprender (comentário sobre o livro "No caminho de Swann").

O hábito pega a gente pelos pés, braços, coração (referindo-se ao livro "No caminho de Swann").

A vida das mulheres é demasiado limitada, não por incompetência própria, mas por falta de tempo para crescer. Criar filhos exige muito. Somos cobradas por não dar atenção suficiente à família ou, em não optando pela maternidade, por não sermos completas na plenitude do ser. As próprias mulheres são as maiores críticas ("se eu agisse assim, também poderia ser grande na vida - ter preferido a carreira a filhos"), ao invés de colaborarem com o crescimento da outra, dando apoio à criação de seus filhos (reflexão frente a parágrafo destacado do livro "Memórias de Adriano").

Por fim, merece destaque uma seqüência de reflexões realizadas por participantes de Tertúlia da UATI, frente à discussão do livro "Os Sertões". No decorrer da leitura, homens e mulheres dedicaram-se, por desejo próprio, ao aprofundamento de conhecimento sobre o tema. Buscaram textos sobre a História do Brasil, viram o filme baseado no livro, buscaram informações sobre o autor, a obra e sua vida. Neste percurso, foram refletindo:

Ele primeiro escrevia normal e depois trocava tudo por palavras mais rebuscadas (participante desmistificando a ca-

pacidade “natural” de escrita atribuída ao autor, depois de ler críticas ao livro).

Isto que ele fala sobre os mulatos não há teoria que sustente. É pura ignorância e preconceito (participante indignada com a caracterização que o autor faz das pessoas mestiças).

A vida inteira eu pensei que o Estado de São Paulo tivesse sido invadido pelos nordestinos. No livro eu vi que, muito antes, os paulistas invadiram o nordeste para roubar as suas riquezas (participante surpreendido pela leitura do texto e de outros textos).

Considerado um dos principais livros da literatura brasileira, o processo de superação de mitos e preconceitos nele envolvidos foi marcante. Exemplo vivaz de que, no diálogo, e com base nos princípios da aprendizagem dialógica, o acesso à literatura universal transforma-se num veículo importante do *educar-se em comum*, como dizia Paulo Freire, partindo, educadoras e educadores e participantes, do *conhecimento de experiência feito* de cada um para o encontro com muitas possibilidades de transformação (Freire, 1992).

Referências bibliográficas

FACEPA. Tertulias literarias: la participación de la ciudadanía activa. Barcelona: FACEPA, 1998.

FLECHA, R. Compartiendo palabras. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona: Paidós, 1997.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 30ª edição. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2001 (1ª edição brasileira, 1975).

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Notas de Ana Maria Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LLERAS, J. & SOLER, M. Las tertulias literarias dialógicas: compartiendo lectura y cultura. *Decisión*, No. 6, pp.24-28. 2003.

LOZA, M. Tertulias literarias. Otra educación. Otras escuelas. *Cuadernos de Pedagogía*, No. 341, .p.66-69. Diciembre 2004.

MELLO, Roseli R. de. Comunidades de Aprendizagem: contribuições para a construção de alternativas para uma relação mais dialógica entre a escola e grupos de periferia urbana. Barcelona, Centro de Investigación Social e Educativa (CREA), Universidade de Barcelona, Relatório de Pós-Doutorado, 2002.

_____. Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica. *Revista Contrapontos – Revista de Educação da Universidade do Vale do Itajaí*, vol. 3, n. 3, p. 449 – 457, set/dez. 2003.

MELLO, R. R. de et al. Tertúlia Literária Dialógica. In: Corrêa, E.; Cunha, E. & Carvalho, A. *(Re)conhecer diferenças, construir resultados*, pp. 129-138. Brasília: UNESCO, 2004.

SANCHEZ AROCA, Montse. La Verneda Sant Martí: a school where people dare to dream. *Harvard Educational Review*, vol. 69, nº 3. Fall 1999.